Três Guinéus de Virginia Woolf e a relação entre a forma social patriarcal e a guerra

Viviana Ribeiro

Professora Adjunta da Uerj, Departamento de Evolução Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas. Bolsista CAPES de pós-doutorado junto ao PPG em Direito da PUC-Rio.

Rio de Janeiro, Brasil.

vivianamribeiro@gmail.com

Resumo

Três Guinéus de Virginia Woolf, publicado em 1938, consolida as críticas à condição social das mulheres, ao Império britânico e à guerra que perpassam toda sua obra. Enquanto o nazifascismo emergia na Europa, ela pesquisou e recolheu materiais para sustentar uma tese original: as práticas e os hábitos da forma social patriarcal têm as guerras como expressão histórica e propiciam o surgimento do fascismo. Em um período em que intelectuais e agentes políticos rechaçavam a hipótese de haver uma relação entre a opressão das mulheres e o problema da guerra e do nazifascismo, Virginia argumentou que a forma social que fomenta o desejo de dominar, expropriar, acumular e possuir deve ser combatida tanto fora quanto dentro da Inglaterra. Este artigo apresenta o longo período de maturação da questão para a escritora, com base em seus diários, suas cartas e a análise dos argumentos contidos os argumentos contidos em *Três Guinéus* que implicam a forma social patriarcal e as guerras.

Palavras-chave: *Três Guinéus*; Virginia Woolf; forma social patriarcal; guerra; fascismo.

Abstract

Virginia Woolf's *Three Guineas*, published in 1938, consolidates the critiques of the social condition of women, the British Empire, and war that permeate all her work. While Nazism and Fascism were emerging in Europe, she researched and collected materials to support an original thesis: the practices and habits of the patriarchal social form have wars as their historical expression and foster the emergence of fascism. At a time when intellectuals and political agents rejected the hypothesis of a relationship between the oppression of women and the problem of war and Nazism and Fascism, Virginia argued that the social form that fosters the desire to dominate, expropriate, accumulate, and possess must be combated both outside and inside England. This

article presents the long period of maturation of this issue for the writer, based on her diaries and letters, and analyzes the arguments contained in *Three Guineas* that implicate the patriarchal social form and wars.

Keywords: *Three Guineas;* Virginia Woolf; patriarchal social form; war; fascism.

Introdução

Em uma carta não enviada ao editor do *New Statesman*, publicada postumamente, Virginia Woolf (1882-1941) reivindicou para si a posição de intelectual que lhe fora omitida em uma resenha publicada nessa revista e definiu intelectual como "o homem ou a mulher de inteligência puro-sangue que cavalga sua mente a galope através do campo perseguindo uma ideia" (Woolf, [1942] 1961, p. 152-153, tradução nossa). Em 14 de outubro de 1937, quando registra no diário que Leonard, seu marido, está furioso com o posicionamento da Inglaterra de não intervir na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), ela complementa: "Mas eu não sou uma política, obviamente, só posso repensar a política muito lentamente dentro da minha própria língua" (D5[1], p. 114). Enquanto viveu, Virginia não foi considerada uma pensadora política por seu círculo próximo. Na época, havia uma ideia restrita de política, relacionada à ação política, à filiação partidária e/ou à participação em movimentos políticos e sociais. Nesses termos, a própria Virginia considerava-se alheia à política.

Contudo, ela compartilhou sua "educação imperfeita" (L6, p. 419) com pessoas da classe trabalhadora ao ministrar aulas de literatura e história no Morley College de 1905 a 1907; participou de diversas reuniões do Partido Trabalhista; teve vínculos com o movimento Fabiano; era muito próxima da *Women's Co-operative Guild,* organizando e presidindo reuniões da filial da Guilda de Richmond em sua casa de 1916 a 1920 (Lee, 1999) e da *London and National Society for Women's Service*, sociedade vinculada à luta das mulheres pelas profissões e questões relacionadas (Snaith, 2003). Ela

[1] Quando nos referirmos às *Letters* e aos *Diaries* de Virginia Woolf utilizaremos o sistema de referência adotado internacionalmente em trabalhos sobre a escritora que adotam L ou D seguidos do número do volume e da página, conforme edição uniforme de Nigel Nicolson e Joanne Trautmann para as *Letters* e Anne Olivier Bell para os *Diaries.* Todas as traduções de passagens dessas obras são nossas.

trabalhou com afinco para que seus escritos fossem acessíveis, ao defender a educação e as bibliotecas públicas, e lidos na forma da *conversação*[2] não autoritária pelos *leitores comuns*. Para Virginia, *leitores comuns* não são nem os eruditos, nem os críticos. Não são tão instruídos e leem pelo prazer, "não para transmitir conhecimentos ou corrigir opiniões alheias" (Woolf, V. [1925] 2014, p. 134), mas são eles a possibilidade de existência da literatura. Ela própria se situava como uma *leitora comum*, pois não recebeu uma formação universitária elitista e aristocrática. Uma das críticas que Virginia fez ao estabelecimento da literatura como disciplina acadêmica era o fato dela excluir de seus bancos as(os) *leitoras(es) comuns.*

Seu trabalho e compromisso diário era com a escrita e, na ficção, tinha aversão aos tons panfletários. Ela nutria dúvidas sobre a capacidade de escritoras(es) e artistas *agirem no lugar dos políticos*, muito embora soubesse o papel da arte e da literatura na construção de uma democratização social radical. Em carta de 24 de agosto de 1940, à Benedict Nicolson, quando questionada sobre o que *Bloomsbury* fez para impedir a ascensão do nazifascismo, respondeu:

> Mas você não está levando o que chama de "Bloomsbury" muito a sério? Eu não acho que aquelas pessoas, que suponho que você se refira, tivessem os maravilhosos dons que são necessários para mudar a sociedade. O que me intriga é que pessoas que tinham dons infinitamente maiores do que qualquer um de nós — eu me refiro a Keats, Shelley, Wordsworth, Coleridge e assim por diante — foram incapazes de influenciar a sociedade. Eles não tiveram nenhum tipo de influência que eles deveriam ter tido na política do século XIX. E nós caímos no imperialismo e todos os outros horrores que levaram a 1914. Eles teriam maior influência se tivessem participado ativamente da política? Ou eles teriam apenas escrito poesia ruim? (L6, p. 421)

[2] É Virginia que nomeia a forma de seus ensaios de *conversação* (D2, p. 261). Leitora dos gregos, a escolha da *conversa* e não do *diálogo* é observada por Davi Pinho (2020) como uma postura de não se colocar no lugar de autoridade no qual Sócrates aparece nos diálogos de Platão e que seus interlocutores buscam alcançar. Sobretudo a conversa seria o "método" filosófico woolfiano de não pontificar teorias e sim suscitar o pensamento crítico das(os) leitoras(es).

Aliado a isso, a imagem de que Virginia era uma *lady esnobe,* erguida no alto de uma torre de marfim pelo chamado grupo *Bloomsbury*, criou a falsa ideia de uma escritora desvinculada dos problemas políticos e sociais de sua época. Em vida, ela foi reconhecida como uma romancista genial, em um ambiente onde vigoravam falácias acerca da suposta "natureza feminina inferior" e da "incapacidade natural" das mulheres para educar-se e produzirem obras-primas de quaisquer espécies. Contra estas posturas, ela debateu publicamente nas páginas do *New Statesman*, em outubro de 1920 (Woolf, [1920] 2019, pp. 39-45). Em *Um quarto só seu* (1929), desmistificou a noção de que a criação artística seria um dom inato de privilégio dos homens e desnudou as condições materiais que possibilitam a escrita ficcional e a emancipação: ter uma renda própria, um espaço próprio livre de interferências, receber educação, ter liberdade de circulação e de experiências, ter uma tradição literária compartilhada. Ao final desse ensaio, ao encorajar as mulheres a escreverem todos os tipos de livros, porque ela os quer ler e quanto mais diversos – história, poesia, aventuras, ciências, filosofia – melhor será a ficção (Woolf, [1929] 2020, pp. 168-169), constata-se seu desejo pelo surgimento de mais escritoras. Como bem nota Tamara Tenenbaum (2025, p. 100, tradução nossa), com este final, Virginia demonstra: "[...] uma autêntica fé no coletivo, uma verdadeira fé em que as que viriam seriam melhores do que uma." (2025, p. 100, tradução nossa). Melhores do que apenas ela.

Após a sua morte (1941) supunha-se ter caído um silêncio de quase trinta anos sobre sua obra. Contudo, estudos a partir dos anos 2000, com base nas cartas recebidas por Virginia e as cartas de condolências enviadas a Leonard Woolf e à Vanessa Bell (sua irmã), demonstram a recepção do feminismo de Virginia em sua época, sobretudo, pelas cartas enviadas por suas(eus) leitoras(es) comuns[3]. Até então, entendia-se que foi o movimento feminista estadunidense do final da década de 1960 que encontrou em *Um quarto só seu* e *Três Guinéus* (1938) ideias precursoras do feminismo do século XX (Silver, 1991). Em âmbito acadêmico, os trabalhos de Jane Marcus com *"No more horses": Virginia Woolf on art and propaganda* (1977) e Berenice A. Carroll em *"To crush him in our own country": the political thought of*

[3] Snaith, Anna. (2000) e Daugherty, Beth Rigel (2006) desenvolveram este trabalho.

Virginia Woolf" (1978) inauguraram as pesquisas sobre *o pensamento político* de Virginia Woolf que reverberaram em uma releitura de sua ficção à luz de seus ensaios. Atualmente, está estabelecido pela fortuna crítica internacional que a política foi um grande fio condutor de sua produção literária tendo como temas centrais a guerra, o imperialismo e a condição das mulheres na sociedade. Nesse sentido, destacam-se as coletâneas *Virginia Woolf and war*, editada por Mark Hussey (1991); *Virginia Woolf against Empire*, de Kathy J. Phillips (1994); *Virginia Woolf and the Languages of Patriarchy*, de Jane Marcus (1987). Sobre o feminismo woolfiano: *Virginia Woolf as feminist*, de Naomi Black (2004) e *Virginia Woolf: Ambivalent Activist*, de Clara Jones (2016); sobre *Três Guinéus* e o fascismo: *Virginia Woolf and fascism: resisting the Dictators's sedution*, editada por Merry M. Pawlowski (2001) e, o mais recente, sobre o capitalismo: *Virginia Woolf and capitalism,* editada por Clara Jones (2024).

Consideramos, especialmente, que o coração do pensamento político de Virginia se desenvolveu para explicitar as características do patriarcado como *forma social* e com isso definir um conceito feminista para o termo*,* ainda inexistente nas décadas de 1920 e 1930 e que se difere daquele estabelecido na década de 1970, por Kate Millet em *Sexual Politics* (1971). Enquanto a definição recente, à grosso modo[4], concebe patriarcado como *um sistema de poder dos homens* (Delphy, 2009, p. 173), compreendemos que, para Virginia, patriarcado seria uma intrincada forma de relação social*,* pois envolve *hábitos e práticas* de dominação, expropriação, acumulação e opressão. No momento histórico em que viveu, em que cada vez mais mulheres britânicas ingressavam nas universidades (a partir de 1869), com a conquista do sufrágio (1918 para maiores de 30 anos e proprietárias e 1928 para maiores de 21) e do direito ao exercício das profissões liberais (1919), Virginia argumentou em *Três Guinéus* que se as mulheres se adequarem aos mesmos hábitos e práticas, se também buscarem se tornar "as campeãs do sistema capitalista" (TG[5], p. 78), se seguirem a procissão dos homens instruídos (*ibid*., 71)*,* a forma social continuará se reproduzindo.

[4] Há extenso debate teórico e político em torno do termo para designar a condição de subordinação e opressão das mulheres na sociedade, mas não é objeto deste artigo fazer a revisão deste debate.

[5] Todas as citações de *Três Guinéus* (1938) são da edição brasileira (2019) com tradução de Tomaz Tadeu. A partir daqui indicaremos apenas TG e o número da página entre parênteses.

Entendemos que a concepção de patriarcado como *forma social* foi construída gradualmente. Em um de seus primeiro contos, *Phyllis e Rosamond* (1906) já há a ideia do casamento como profissão para mulheres; no manuscrito de *Melymbrosia* (1909-1912)[6], há a ideia de que a reprodução biológica é o que sustenta a Marinha, o Império e a Universidade britânicas; no conto *Uma Sociedade* (1922) há a crítica à civilização fundada na divisão sexual dos espaços público e privado; no romance *O quarto de Jacob* (1922) a ideia de que a formação recebida pelos jovens britânicos é desperdiçada quando eles são mortos na guerra em nome da *pátria*; em *Um quarto só seu* há uma associação direta entre a crença na "natureza inferior das mulheres" e a possibilidade de colonizar outros povos também concebidos como inferiores etc. Mas foi em *Três Guinéus* (1938) que sua elaboração ganhou acabamento. Sob o surgimento do nazifascismo na Europa, Virginia formulou uma ideia, até aquele momento inaudita[7], de que existe uma relação intrínseca entre esta forma social de opressão das mulheres, a acumulação de riquezas (capitalismo), a guerra e o advento do fascismo.

Nos limites deste artigo, propomos uma análise da tese apresentada em *Três Guinéus* que relaciona a *forma social patriarcal* com a guerra. A metodologia consiste em ler Virginia Woolf como lemos obras filosóficas. Busca-se apreender como no texto é instaurado o sentido de patriarcado como *forma social*, aliado à análise do contexto social e político da época. Na primeira seção, recorremos aos diários e às cartas de Virginia durante o período de preparação de *Três Guinéus* (1931 a 1937) e apresentaremos a história da sua formação com o objetivo de informar às leitoras(es) não especialistas[8]. Assim, demonstra-se o longo prazo de pesquisa e formulação do argumento para explicitar o tipo *sui generis* de engajamento político de Virginia, com auxílio de dados historiográficos quando necessário. Na segunda seção, apresentaremos nossa análise de *Três Guinéus* relacionando-o com a troca de correspondências entre Freud e Einstein intitulada *Por que a guerra?* Mais uma vez, será possível constatar a heterodoxia woolfiana em contraste com a concepção de

[6] Seria seu primeiro romance.
[7] Até o momento da nossa pesquisa, não encontramos antecedentes para essa formulação.
[8] Snaith (2015); Hussey (1995) e longamente Black (2004) também fizeram este caminho.

inevitabilidade da guerra como decorrente da natureza humana. Em *Três Guinéus* as causas da guerra estão enraizadas na forma das relações sociais. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, não encerraremos com Considerações finais, mas com um *Epílogo* que indica a reverberação das ideias de Virginia para o futuro e a continuidade da leitura e estudos de sua obra.

Três Guinéus em formação: Virginia Woolf e a guerra

> [...] meu Deus, como me canso de todo esse papinho de "prosa adorável" e charme quando tudo que eu queria era expor um caso muito intrincado da maneira mais clara e legível que eu pudesse.
>
> Virginia Woolf, 19 de junho de 1938.
> Carta à Vita Sackville-West, *Letters* 6, p. 243

> [...] Mas eu queria — com que violência — persistente, urgente, compulsoriamente, não posso dizer — escrever esse livro; & tenho uma sensação tranquila; como se eu tivesse dito o que tinha que dizer.
>
> Virginia Woolf, 12 de abril de 1938.
> *Diary* V, p. 133

Era 21 de janeiro de 1931 quando Virginia Woolf proferiu uma palestra para 175 mulheres membros do Conselho Juvenil da *London and National Society for Women's Service*, uma Sociedade destinada a auxiliar o ingresso das mulheres nas profissões liberais, direito conquistado em 1919. Um texto reduzido do discurso foi publicado postumamente (1942) e recebeu o título *Profissões para mulheres*. Nele, Virginia afirmou que somente naquele momento histórico em que estava se abrindo às mulheres a possibilidade de se expressar "em todas as artes e profissões que se oferecem ao talento humano" (Woolf, [1942] 2019, p. 32) é que poderíamos descobrir o que é uma mulher e, no que diz respeito a sua experiência como escritora ela assegurou a necessidade de matar "O Anjo da casa", um fantasma vitoriano opressor que assombrava a escrita de mulheres determinando que elas sejam "puras", abnegadas e que não demonstrem que pensam por conta própria. Se tratava da

necessidade do matricídio do legado dos modos e hábitos das mulheres da Inglaterra vitoriana (Snaith, 2015, xxiv).

Na véspera lhe veio a ideia de escrever um novo livro, uma continuação de *Um quarto só seu*, sobre a vida sexual das mulheres (D4, p. 6), mas em 02 de novembro de 1932, o tema do futuro livro, nessa altura concebido como um "romance-ensaio" nomeado *The Pargiters*, foi aumentado para abranger "tudo, sexo, educação, vida etc.; & vem, com saltos poderosos e ágeis, como uma camurça atravessa precipícios, de 1880 para aqui & agora" (D4, p. 129). Em 1933 registrou: "E haverá milhões de ideias, sem pregação – história, política, feminismo, arte, literatura – em resumo, tudo que eu sei, sinto, me faz rir, desprezo, gosto, admiro, odeio e assim por diante" (D4, p. 152). Ela sabia que este livro era importante e que precisava escrevê-lo (D4, p. 130; D5, p. 133). Para tanto, estudou a história da Grã-Bretanha, memórias e biografias[9]; reuniu sistematicamente notícias de jornais e fotografias, cartas de solicitação, manifestos, um panfleto e anotações manuscritas e datilografadas; além de uma "torrente de fatos" que "observou e coletou" ao longo de 20 anos (D4, p. 132). Tal procedimento de pesquisa e de acumulação de "pólvora suficiente para explodir a [Catedral] St. Paul" (D4, p. 77), foi realizado de 1931 a 1937. O material consiste em 12 cadernos de notas, organizados por Brenda Silver (1983) e 3 grossos álbuns de recortes, comentados por Helen Tyson (2024).

Enquanto isso, Mussolini já era *Duce* na Itália, desde maio de 1921; em 1930, na Alemanha, os nazistas ocuparam 171 cadeiras no Parlamento; em 1931, a Inglaterra foi assolada por uma crise econômica desencadeada pelo abandono do padrão ouro e alcançou 2,7 milhões de desempregados (Mader, 2011, p. 77) e em 1932, surgiu a *British Union of Fascists*, comandada por Oswald Mosley. No mesmo ano, na Alemanha o partido nazista contava com 450.000 membros, com mulheres representando 8% (Payne, 1995, p. 168); e em 1933 Hitler tornou-se chanceler e iniciaram-se, por todos

[9] Neverow e Palowlowski (1997) publicaram um guia preliminar de parte da bibliografia utilizada por Virginia para as 124 notas de *Três Guinéus.* Ainda não foi publicado um estudo com as bibliografias cruzadas e toda documentação que subsidiou seus argumentos. É notável que a bibliografia utilizada pode ser encontrada nas bibliotecas públicas da Inglaterra, acessível aos leitores comuns, especialmente a *Fawcett Library*, fundada em 1926 pela *London and National Society for Women's Service* (Snaith, 2003).

os setores, a expulsão e a perseguição de judeus. A Lei Habilitante (*Ermächtigungsgesetz*) – aprovada em 23 de março de 1933, sem a participação de 81 parlamentares comunistas e 26 dos 120 parlamentares social-democratas, detidos pelos nazistas – permitiu que Hitler promulgasse uma série de leis subsequentes que violavam a Constituição de Weimar, dentre elas, a lei que restringiu o emprego de judeus no serviço público e nas profissões liberais. A Lei Habilitante foi a "pedra angular" da instalação do regime nazista na Alemanha (Winkler, 2005, pp 475-495). Em 1935, foram aprovadas as Leis Raciais (Hilberg, 2016, cap. 4) que proibiam o casamento ou relações sexuais entre judeus e arianos e definiam quem era judeu. Também foi totalmente implementada a lei que previa esterilizações compulsórias em certos setores da população (Linder, 2009).

O ano de 1935 marcou o avanço da brutalidade e da violência dos governos nazifascistas e definiu o projeto de Virginia: em janeiro, o "romance-ensaio" estava concebido como capítulos intercalados de ficção que declinava exemplos e ensaio que elaborava argumentos. Esse texto foi desmembrado (D4, p. 271) para realizar-se como um romance (*Os Anos,* 1937) e um livro político (*Três Guinéus,* 1938)[10]. Em fevereiro, ela estava "atormentada por um desejo repentino de escrever um panfleto antifascista" e debatendo as ideias e o conteúdo com Leonard, seu marido, ele disse que a questão econômica deveria ser levada em conta na análise (D4, p. 282). Em maio, munidos de uma carta do Príncipe Bismarck para não serem "importunados por 'serem' judeus" (L5, p. 388), o casal foi à Alemanha.

Conforme o fascismo avançava, em mais de um momento em seus *Diários* e *Cartas*, Virginia expressou *sentir-se como uma judia*[11]. Com a guerra em curso, em 15 de maio de 1940, há o registro em diário de que ela e Leonard tiveram uma "conversa sensata, bastante prática" sobre suicídio caso os nazistas invadissem a Inglaterra (D5, p. 284), pois sabiam o destino dos judeus capturados. Além de Leonard e Virginia, o irmão dela, Adrian Stephen, Harold Nicolson e Vita Sackville-West também guardavam

[10] O termo "ensaio" não é exato para *Três Guinéus,* por sua extensão e aparato de notas. Às vezes, a autora o chamava de "panfleto" ou de "livrinho".
[11] A fórmula é de Fusini (2010, p. 287).

recursos de um “veneno protetor” (Woolf, L. 1973, p. 15). O casal Woolf não sabia, mas de fato estava na lista de prisão da Gestapo no caso de uma invasão bem-sucedida, segundo a “Lista especial de procurados” (*Die Sonderfahndungsliste* G.B.) (Lee, 1999, p. 717). Leonard informa que uma das diferenças da brutalidade temida e sentida entre a Primeira e a Segunda Guerra foi que:

> [...] Em 1939, cinco pessoas comuns e inteligentes na Inglaterra, estavam fria e prudentemente suprindo-se com meios para cometer suicídio para evitar as torturas que quase certamente os aguardavam se os alemães algum dia os capturassem. É inconcebível que qualquer pessoa na Inglaterra, em 1914, sonharia cometer suicídio se o exército de Kaiser tivesse invadido a Inglaterra (Woolf, L., 1973, p. 15).

Três Guinéus, embora publicado antes do início da Segunda Guerra, foi escrito sob os seus signos de destruição da vida e do testemunho da ruína do que os europeus entendiam por “civilização”. Voltando ao ano de 1935, em 04 de setembro, Virginia registrou no diário:

> O dia mais crítico desde 14 de agosto de 1914. Assim dizem os jornais. Em Londres ontem. Escritos a giz em toda parte nos muros “Não lutem pelos estrangeiros. Britânicos devem cuidar de suas próprias vidas.” Então um círculo com um símbolo dentro. Propaganda fascista, disse L[Leonard]. Mosley ativo novamente (D4, p. 337).

O dia era o mais crítico pois o Conselho de Genebra debatia-se, sem saber o que fazer, com as pretensões expansionistas de Mussolini na Abissínia, o que foi levado a cabo em outubro. Nesse mês, era evidente para ela que *Três Guinéus*[12] tinha o escopo de relacionar a condição das mulheres na sociedade patriarcal capitalista – que historicamente as interditou do acesso à educação, aos bens, às profissões e ao salário

[12] Neste momento, o livro ainda não tinha esse nome. Ao longo dos anos o projeto teve opções de título como "Profissões para Mulheres", "A Porta Aberta", "Abrindo a Porta", "Os homens são assim" (rejeitado por ser "muito patentemente feminista" [D4, p. 77]), “Sobre ser desprezada”; “Uma batida na porta”; “Profissões e a próxima guerra”; “Cartas a um inglês”. “O que devemos fazer?”; “Dois Guinéus” e “Respostas aos correspondentes”.

(até 1870, os salários das esposas eram de propriedade dos maridos), ao voto e à participação no espaço público e às decisões políticas – e o advento do nazifascismo e a guerra. Após participar com Leonard de uma reunião no Partido Trabalhista em Brighton e presenciar o furioso ataque sofrido pelo líder do Partido, George Lansbury, por seu posicionamento pacifista em relação as medidas que deveriam ser adotadas para conter os avanços da Itália (D4, p. 345), ela registrou que essa reunião: "rompeu a barreira entre mim e o novo livro" (D4, p. 346). Em dezembro teve a ideia da forma:

> Tive uma ideia [...] de como fazer meu livro de guerra[13] — fingir que todos os artigos que os editores me pediram para escrever durante os últimos anos — sobre todo tipo de assunto. Mulheres devem fumar? Saias curtas. Guerra etc. Isso me daria o direito de divagar: também me coloca na posição de questionada (D4, p. 361).

A Guerra Civil Espanhola (1936) causou impacto para sua pesquisa e acarretou uma tragédia familiar: seu sobrinho Julian Bell de 29 anos ingressou na resistência contra Franco, alistou-se na Cruz Vermelha Britânica e 1 mês e 11 dias após ser enviado à Espanha (20 de julho de 1937), a ambulância que dirigia foi atingida por uma granada (Fusini, 2010, p. 295). Tal acontecimento acirrou seu posicionamento antibélico e sua ideia de que as guerras são, nada mais, do que um desperdício de vidas, uma vez que ao final, elas não preparam um mundo pacífico. Para Virginia e outros integrantes do chamado grupo Bloomsbury, como Leonard e John M. Keynes, o Tratado de Versailles que impôs aos vencidos uma *paz mutilada e punitiva* fora a causa da Segunda Guerra. Para Virginia, as guerras apenas afirmam o *ethos* da forma social patriarcal fundado no desejo de guerrear, dominar, possuir e receber medalhas. Em 17 de agosto de 1937, escreveu para a irmã, Vanessa Bell: "Estou completamente presa no meu panfleto de guerra [...]. Eu sempre quero discuti-lo com Julian — na verdade, eu o escrevi como uma discussão com ele" (L6, p. 159).

[13] No original: "how to make my war book." Pensamos que, para Virginia, *Três Guinéus* não era apenas um livro *sobre* a guerra, mas, talvez, sobretudo, um *livro de guerra*, sua maneira de combater a guerra e o fascismo com o pensamento.

Em simultâneo, estava em pleno curso a propaganda para angariar mulheres ao projeto nazifascista que as submetia à esfera privada e à função essencialista de mães da raça ariana. Um dos artigos de jornal que Virginia coletou, publicado pelo *Sunday Times*, em 13 de setembro de 1936, dizia:

> ELOGIO ÀS MULHERES: A PARTE DELAS NO TRIUNFO NAZISTA: *Herr* Hitler elogiou a participação das mulheres em possibilitar o triunfo do movimento nazista quando se dirigiu à Liga das Mulheres Nazistas. 'Desde que tenhamos um sexo masculino forte na Alemanha — e nós nazistas vamos garantir que teremos — não teremos esquadrões de mulheres com granadas nas mãos em nosso país', ele disse. Ele… enfatizou que as mulheres são muito mais úteis para a nação quando elas cuidam de grandes famílias… 'Há dois mundos na vida da nação, o mundo do homem e o mundo da mulher… O mundo das mulheres é, se ela é feliz na sua família, seu marido, seus filhos e sua casa. Enquanto nossos inimigos dizem que as mulheres são oprimidas tiranicamente na Alemanha, eu posso dizer que sem a devoção e firme colaboração da mulher alemã o movimento nazista nunca poderia ter triunfado (Sunday Times *apud* Lee, 1999, p. 674, tradução nossa).

O fato é que Virginia Woolf não precisava "fingir ser demandada" a se pronunciar sobre a situação e a intervir de alguma maneira. Desde 1935, ela foi "cada vez mais procurada para emprestar seu nome a causas, integrar comitês e assinar manifestos" (Hussey, 1995, p. 292, tradução nossa) e fazer doações de todo tipo. Em 1935, ela deixou o comitê de uma amostra antifascista organizada pela Princesa Elizabeth Bibesco (filha do ex-Primeiro Ministro Britânico H. H. Asquith), junto ao Conselho antiguerra de Cambridge, pois ao perguntar porque a questão das mulheres não seria abordada Bibesco respondeu: "Receio que não tenha me ocorrido que em matéria de extrema importância, até feministas poderiam desejar segregar & rotular os sexos. Seria uma pena que apenas o sexo seja capaz de uni-las", ao que Virginia retrucou: "E Hitler?" (D4, p. 273). Ela sabia que a ênfase nos papéis e funções tradicionais de gênero, baseados na subordinação das mulheres, era um dos núcleos do nazifascismo e constatou o quanto a questão era amplamente ignorada nos debates antifascistas.

Ainda em 1935, ela se envolveu com relutância com a *International Association of Writers for Defence of Culture* e a *For Intellectual Liberty*, esta última, uma versão britânica da organização antifascista francesa *Vigilance* (Bradshaw, 1997 e 1998). *Três Guinéus* é também uma resposta crítica a esses modos adotados pela intelectualidade do período para tentar evitar a guerra, sobretudo porque tais formas de mobilização estavam exclusivamente voltadas para as ameaças externas, sem considerar "o horror tão óbvio em nosso meio" e aqui ela está se referindo à Inglaterra, como escreveu à Margaret Llewelyn Davies após a publicação:

> Senti uma grande impertinência em expor minhas opiniões sobre assunto de tamanha importância; mas ficar sentada em silêncio e concordância com toda essa assinatura idiota de cartas e pacifismo vocal quando há um horror tão óbvio em nosso meio — tanta tirania, tanto *Pecksniffismo*[14] — finalmente fizeram meu sangue ferver para o habitual jorro de tinta [...] eu escrevi para o leitor muito comum, muito relutante e facilmente entediado (L6, p. 250–51).

Os acontecimentos da década de 1930 lhe possibilitaram conectar patriarcado-capitalismo-imperialismo-guerra-fascismo. O argumento que implica a forma social patriarcal capitalista com o surgimento do fascismo, não se dirigia, apenas, a demonstrar como os Estados fascistas reafirmam uma ordem na qual os homens comandam o espaço público e relegam as mulheres à função exclusiva da maternidade e ao confinamento no espaço privado, mas, sobretudo, apontava para a estrutura interna da Inglaterra e suas instituições e questionava sua autodenominação de "defensora da liberdade", como retórica para guerrear contra a "tirania do Estado fascista" (Woolf, [1938] 2019, p. 112). Pois, historicamente em seu próprio território a sociedade britânica vivia na "condição de um barbarismo semicivilizado", ao manter a relação entre homens e mulheres nos termos de uma "eternidade de dominação de um lado, e de servidão de outro" (Woolf, [1920] 2019, p. 40). Ela critica como a "pátria

[14] Segundo *Merriam-Webster's Dictionay*, *Pecksniffian*, significa hipocrisia. O termo se originou do romance de Charles Dickens, *The life and adventures of Martin Chuzzlewit* (1843), cujo personagem Sethe Pecksniff não é apenas hipócrita, mas também um falso moralista, aproveitador e manipulador.

da liberdade" era constituída por instituições que estimulavam hierarquias – de classe, gênero e raça – e ensinavam uma forma de relação social baseada em competições e acumulações. "Nós temos que atacar Hitler na Inglaterra", escreveu em 24 de maio de 1938 (D5, p. 142) referindo-se não só aos fascistas britânicos, mas a algo que foi nomeado por ela como "inconsciente hitlerista", em *Pensamentos sobre a paz durante um ataque aéreo* (1940), que pode acometer homens, mulheres, alemães, italianos, ingleses ou franceses etc., porque a sua causa são as *formas* das relações sociais.

Três Guinéus demonstra como a dominação e hierarquia na esfera pública, incluindo sua manifestação no fascismo, estão intrinsecamente relacionadas à dominação e hierarquia na esfera privada; como o patriotismo fomenta o desejo viril de guerrear; como a educação que ensina a dominar, expropriar e acumular – honrarias, medalhas e riquezas – estimulam emoções de competitividade, vaidade e inveja que conduzem a guerras; defende que as mulheres recém admitidas na educação e nas profissões avaliem se devem, simplesmente, *seguir a procissão dos homens instruídos* e se ao fazerem isso não estarão elas também assumindo os mesmos modos e valores que conduzem a guerra. Por fim, afirma que a histórica luta das mulheres por justiça, liberdade e igualdade é um antecedente das lutas travadas contra a tirania e a ditadura que na década de 1930 assumiu a forma nazifascista. A análise crítica que o livro faz à forma social patriarcal é tanto antifascista quanto anticapitalista, questões que trataremos em artigos futuros.

A demonstração (e não apenas a denúncia) do entrelaçamento de tais questões era, até o momento, inédita (Zwerdling, 1998 e Gättens, 2001)[15]. Datam de meados da década de 1970 os primeiros estudos sobre mulheres e nazifascismo. Em 1974 e 1975, Maria-A. Macciocchi organizou o seminário *Eléments pour une analyse du fascisme,* em Paris VIII, Vincennes, publicado em livro com mesmo título, e a questão foi analisada no capítulo *Les femmes et la traversée du fascisme*. Em outro texto de sua autoria (1979), que trata da repressão da sexualidade no período de Mussolini, Macciocchi cita

[15] Hussey (1995, p. 293) modera essa afirmação, a partir dos ensaios de Angela Ingram e Daphne Patai (1993) e Judith Johnston (1987). Nesta altura de nossa pesquisa, ainda não analisamos tais obras para devidamente cotejá-las com *Três Guinéus*.

Três Guinéus, reconhecendo-o como antecedente sobre o problema. Também destacamos *Être femmes sous le IIIe Reich*, de Rita Thalman (1982) e *Mothers in the Fatherland. Women, the Family and Nazi Politics*, de Claudia Koonz (1987). Já o clássico *Os Alemães* de Norbert Elias, onde a formação militarista da sociedade germânica é analisada, data de 1989. Sobre o caráter viril da Alemanha nazista temos *Les mâles vertus des Allemands*, de Nicolaus Sombart (1999); *Crer & destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*, de Christian Ingrao (2010); *A História da Virilidade* (V. 2, século XIX), organizado por Alain Courbin (2012) e *La loi du sang: penser et agir em nazi*, de Johann Chapoutot (2014).

Em 1938, *Três Guinéus* foi mal compreendido e mal recebido pelo círculo próximo de Virginia como E. M. Forster, Maynard Keynes, Vita Sackville-West. Seu sobrinho Quentin Bell (primeiro biógrafo, 1972), escreveu:

> *Three Guineas* [Três Guinéus] foi publicado em junho de 1938. É um produto de uma mente muito estranha e, penso, de um estado mental ainda mais estranho. Pretendia ser uma continuação de *A room of one's own* [Um quarto só seu], mas foi escrito de maneira bem menos persuasiva, num estado de ânimo bem menos jovial. Era um protesto contra a opressão, um protesto genuíno denunciando males reais e, para convertidos, Virginia não pregava em vão. Inúmeras mulheres escreveram para expressar sua aprovação entusiástica; mas seus amigos íntimos ficaram calados e, quando não calavam, faziam críticas. Vita não gostou do livro, e Maynard Keynes ficou a um tempo zangado e desdenhoso; declarou que era um tema tolo e precariamente escrito. O que parecia mesmo errado com o livro – falo aqui de minhas próprias reações naquela ocasião – era a tentativa de envolver uma discussão sobre os direitos das mulheres na questão bem mais crucial e imediata do que se deveria fazer para enfrentar a crescente ameaça do fascismo e da guerra. A conexão entre as duas questões parecia tênue e as sugestões positivas totalmente inadequadas. [...]
> Mas a verdadeira crítica à *Three Guineas* [Três Guinéus] veio dos fatos; pois os fatos de 1938 não se concentraram nos Direitos das Mulheres, mas nos Direitos das Nações (Bell, 1988, p. 500-501).

Citamos esta crítica porque ela toca em uma questão que não é autoevidente: a concepção de que a forma social patriarcal é a causa da guerra e do fascismo. A construção dessa argumentação foi tão difícil para Virginia quanto é para nós hoje,

como atesta a quantidade e diversidade de material pesquisado por ela (Linder, 2009) e o tempo que levou a elaboração. Ela recorreu tanto a fontes "oficiais" para a historiografia quanto a fontes que não eram consideradas por estudos acadêmicos da época, como biografias, autobiografias, memórias e diários (Linder, 2009), o que torna possível afirmar que Virginia Woolf antecipa, em algumas décadas, um método para pesquisar a história das mulheres. Silver (1983) observa que os cadernos de pesquisa de Woolf são uma contribuição importante para a história social dos anos 1930.

Ela estava menos interessada em discutir a rigidez patriarcal dos regimes nazifascistas do que em demonstrar como as sociedades que se diziam "defensoras da liberdade" carregavam internamente o *ovo da serpente*. Pensamos que foi esta, antes de qualquer outra, a questão que tanto desagradou quanto enfureceu alguns de seus contemporâneos. Há, porém, inúmeros outros exemplos de recepção positiva[16] e entusiasmada em relação ao livro, sobretudo aquelas enviadas à Virginia por carta de pessoas de fora do seu círculo. Conforme Snaith (2000), Virginia Woolf recebeu mais cartas por *Três Guinéus* do que por qualquer outra obra. Do total de 82, 58 foram de desconhecidos o que a surpreendeu, pois, estas cartas demonstraram o interesse do público leitor em continuar a conversa com ela e com o livro. Neste artigo, analisaremos os argumentos sobre a relação entre a forma social patriarcal e a guerra e em momento posterior da relação com o fascismo.

A guerra: um dos hábitos da forma social patriarcal

> Não quero vil e sem glória morrer. Algo de grande quero aos vindouros legar.[17]
> Homero, *Ilíada,* Canto XXII 304-305 (Tradução: Haroldo de Campos)

Três Guinéus é constituído por três cartas ficcionais. A primeira, de um eminente advogado que solicita da narradora a subscrição em um manifesto em defesa da cultura e da liberdade intelectual, uma doação financeira e a sua associação a uma

[16] Ver Hussey (1995); Silver (1983 e 1991); Snaith (2000) e Oliveira (2017).
[17] Trata-se do momento da *Ilíada* que Heitor decide entrar na guerra em defesa de Troia.

sociedade organizada pela paz; a segunda, de uma tesoureira honorária de uma faculdade de mulheres que lhe pede uma doação financeira para reconstruir a instituição e a terceira de outra tesoureira honorária, mas agora, de uma sociedade destinada a auxiliar o ingresso das mulheres nas profissões liberais e também lhe pede doações, seja de dinheiro ou de livros, roupas e frutas que possam ser vendidos para arrecadar fundos. A resposta da narradora gira em torno da doação de um guinéu para cada uma dessas causas[18]. Porém, é a partir da pergunta apresentada pelo advogado "como, em sua opinião, *vamos* evitar a guerra?" (TG, p. 9, grifo nosso) e da descrição de fotografias da Guerra Civil Espanhola de cadáveres e casas destroçadas, em posse da narradora[19] que as três correspondências e demandas se conectam.

Para respondê-las, são apresentados argumentos que afirmam que tanto a guerra quanto o fascismo são decorrentes da forma social patriarcal e a maneira de evitar a primeira e combater o segundo passa, necessariamente, por uma mutação dos hábitos sociais que permeiam as Universidades, o Parlamento, os Tribunais, o sistema financeiro, o Exército e a Marinha, pois eles fomentam emoções que conduzem a guerra. Enquanto a descrição das fotografias da Guerra Civil Espanhola é recorrente no texto como uma balada que não deixa as(os) leitoras(es) esquecerem o problema que se tem em vista, as fotografias que efetivamente compõem *Três Guinéus*: "Um General; "Uma Procissão Universitária"; "Um Juiz"; "Um Arcebispo" e "Arautos", todos homens públicos que leitoras(es) de 1938 poderiam reconhecer (Staveley, 1998), condensam em imagens as relações que a narradora sustenta serem as causas da guerra.

Ao iniciar sua longa resposta, a narradora se surpreende com a "carta notável" do advogado, "uma carta talvez única na história da correspondência humana, pois quando antes, um homem instruído perguntou a uma mulher como, em sua opinião, a guerra pode ser evitada?" (TG, 9). Assim, estabelece de saída um diálogo com a famosa

[18] Guinéu foi uma moeda britânica cunhada com ouro usurpado da Guiné e utilizada no tráfico de escravizados do século XVII ao XIX. Em 1938, circulava como uma espécie de nota promissória e com ela comprava-se artigos de luxo ou realizava-se pagamentos de honorários profissionais (Hussey, 1995, p. 284, tradução nossa).

[19] Em 14 de novembro de 1936, Virginia escreveu ao seu sobrinho Julian Bell dizendo que recebeu "fotografias da Espanha, todas de crianças mortas por bombas" (L6, p. 85). Snaith (2015, p. 274) pensa se tratar provavelmente do bombardeio de Madri. Estas fotografias não integram o texto.

troca de correspondências entre Einstein e Freud realizada em 1932, desencadeada pela pergunta de Einstein "existe uma maneira de libertar os homens da fatalidade da guerra?" (Einstein, [1933] s.d., p. 59), visando, no entanto, pensar o que poderia ser feito para evitá-la. Conforme sintetiza David Cumin:

> Em 1931, o Comitê das letras e das artes da Sociedade das Nações (Liga das Nações) suscitou uma troca epistolar entre 'personalidades marcantes do mundo intelectual para discutir as questões que concernem eminentemente aos nossos interesses espirituais comuns e servem a Sociedade das Nações' (Cumin, 2008, p. 411, tradução nossa).

Com isso, a Sociedade das Nações propôs que Einstein escolhesse qualquer interlocutor e tendo elegido Freud, em razão de sua *expertise* acerca da psicologia humana, ele formula a questão que "na presente condição do mundo, [parece] ser a mais urgente entre todas aquelas que se põem à civilização" (Einstein, [1933] s.d, p. 59) para que Freud respondesse se haveria algo a ser feito para conter o que seria inerente à natureza humana: o instinto de agressão e destruição.

Ambos compartilhavam a ideia de que uma maneira de evitar a guerra seria com a criação de um órgão internacional dotado de poderes suficientes – o que pressuporia a concessão de parte da soberania dos Estados – para mediar e resolver pacificamente os conflitos entre as Nações. Como adendo, Freud alega que, uma vez que o instinto humano não é composto apenas pela pulsão de morte, mas também pelas pulsões eróticas que "tendem a conservar e unir", estas últimas deveriam ser maximizadas de modo a "compensar" a repressão de manifestação da primeira. E finaliza, com a afirmação: "tudo o que fomente a evolução cultural atua contra a guerra" (Freud, [1933] s.d, p. 75). Em 1933, as correspondências foram publicadas em Paris em três línguas (alemão, francês e inglês), mas sua difusão foi proibida na Alemanha (Cumin, 2008, p. 411).

Em *Três Guinéus,* as sugestões sobre o que fazer para evitar a guerra divergem das apresentadas por Einstein e Freud. A razão dessa discrepância é que, em *Três Guinéus*, quem é questionada é uma mulher, o que não significa que Virginia Woolf

pensasse que o sexo biológico conferia às mulheres alguma ética superior, mas sim que a sua posição social de *outsider* – no sentido de excluída dos modos estabelecidos na esfera pública e nas instituições – lhe possibilitava um vislumbre de alternativas para o problema.

Após deparar-se com a inusitada carta do advogado, a narradora baliza as diferenças entre eles que implicam nas diferenças de suas perspectivas sobre o tema: o advogado seria um proprietário, casado e com filhos, um homem instruído nos grandes internatos privados e na universidade, que fora sustentado pelo pai até ingressar na profissão e poder colocar após o próprio nome as iniciais K. C. (*King's Counsel*); ela, uma mulher que, como ele, ganha a vida com o seu trabalho e tem empregadas para fazer o jantar e lavar a louça. Contudo, isso não significa que ambos pertençam a mesma classe. A classe dela é das *filhas dos homens instruídos* e em nota, explica o termo:

> Nossa ideologia é ainda tão inveteradamente antropocêntrica que se tornou necessário criar esse termo canhestro – a filha do homem instruído – para descrever a classe cujos pais foram educados nos internatos privados e nas universidades. Obviamente, se o termo "burguês" se aplica ao irmão dela, é totalmente incorreto utilizá-lo para se referir a alguém que difere tão profundamente dele no que diz respeito a duas características primordiais da burguesia – capital e ambiente (TG, 156, nota 2).

A diferença entre os correspondentes é de ordem econômica, de ambiente – pela segregação sexualizada de atuação nas esferas pública e privada – e educacional. Ela explica:

> Considere o fato da educação. Sua classe tem sido educada nas escolas privadas e nas universidades por quinhentos ou seiscentos anos, a nossa, por sessenta. Considere o fato da propriedade. Sua classe possui, por direito próprio e não pelo casamento, praticamente todo o capital, toda a terra, todos os objetos de valor e todo poder político da Inglaterra. Nossa classe não possui, por direito próprio e não pelo casamento, praticamente nada do capital, nada da terra, nada os objetos de valor e nada do poder político da Inglaterra. Que essas diferenças acarretam consideráveis diferenças na mente e no corpo é algo que nenhum psicólogo ou biólogo negaria. [...] Embora

> vejamos o mesmo mundo, nós o vemos através de olhos diferentes (TG, 24).

Com a criação deste termo, a narradora, ao mesmo tempo, se aparta dos homens instruídos e da classe trabalhadora, demarcando que as maneiras de pensar e fazer política da classe das *filhas dos homens instruídos* devem diferir das outras duas classes tradicionais. Isso implica na concepção de que elas precisam trabalhar "em sua própria classe – como, na verdade, poderiam elas trabalhar em qualquer outra? – e segundo seus próprios métodos, em prol da liberdade, da igualdade e da paz" (TG, 116).

As *filhas dos homens instruídos* são aquelas que, no século XIX e muitas do início do século XX, não foram educadas formalmente e, assim, contribuíram, às custas da própria educação, com a educação dispendiosa de seus irmãos. Se alguma verba, eventualmente, fora destinada à educação delas, a quantia era irrisória – em torno de 100 libras (TG, 155, nota 1) – quando comparada à despendida com a educação deles, em torno de 2.000 libras. Na Inglaterra, as primeiras escolas básicas para meninas foram fundadas em 1848 e 1849, mas apenas em 1870 foi promulgada uma lei que previa a educação primária pública para ambos os sexos (Snaith, 2015, p. 276). No que diz respeito à educação universitária, Oxford e Cambridge iniciaram suas atividades, respectivamente, em 1096 e 1209. Até 1869 foi interditado às mulheres o acesso. Nesse ano, foi criada a primeira faculdade para mulheres, Girton College e em 1871 Newnham College, ambas em Cambridge e Somerville, em 1879, em Oxford, mas mesmo após as faculdades serem abertas a elas, muitas não as frequentavam, seja pelo alto custo, seja por obrigações domésticas familiares, seja pela resistência, não raro, agressiva dos alunos.

Enquanto seus irmãos eram educados não apenas com livros, mas também com jogos que educavam o corpo, amigos que "alargava[m] sua perspectiva e enriquecia[m] sua mente" e viagens nas quais "adquiriam o gosto pela arte; certo conhecimento da política de outros países" (TG, 11), elas tiveram uma educação doméstica e informal. Para a narradora, esta diferença implicava na dificuldade de compreensão das

mulheres em relação às causas políticas que levam à guerra. *Embora vejamos o mesmo mundo, o vemos com olhos diferentes.*

Todavia, ela pondera: "[Se] não acreditasse o senhor que a natureza humana, as razões, as emoções do homem e da mulher comum conduzem à guerra, não teria escrito pedindo a nossa ajuda" (TG, 12). E uma das coisas que as *filhas dos homens instruídos* puderam aprender com a "educação sem custo" e com o casamento – "única profissão importante acessível à nossa classe desde o começo dos tempos até o ano de 1919" – foi o "entendimento dos seres humanos e suas motivações que, desde que a palavra seja expurgada de suas associações científicas, se pode chamar de psicologia" (TG, 12). A narradora também se considera portadora de uma *expertise* em psicologia, mas, ela logo questiona o pressuposto freudiano de que a causa das guerras seja o instinto humano de destruição, pois:

> [...] embora muitos instintos sejam tidos, em maior ou menor grau, como comuns a ambos os sexos, guerrear tem sido, desde sempre, hábito do homem, não da mulher. As leis e as práticas desenvolveram essa diferença, seja ela inata ou acidental. [...] É difícil julgar aquilo de que não fazemos parte (TG, 12).

Grande parte do trabalho crítico de Virginia Woolf girou ao redor de demonstrar a falácia das ideias hegemônicas que, ao longo dos tempos até o século XX, concebiam que homens e mulheres tinham naturezas humanas essencialmente diferentes, sendo a das mulheres inferior. Para ela, ambos tinham a mesma natureza e o que os tornavam diferentes era a forma de organização social que interditou às mulheres as possibilidades que permitiriam seu pleno desenvolvimento tal como o dos homens. O mesmo raciocínio se aplica aqui. Para ela, os homens não são nem naturalmente, nem essencialmente, violentos e destrutivos, mas tais ações decorrem da prática de guerra, fomentada pelos hábitos e pelas leis. Se não fosse isso, o que explicaria que homens e mulheres tendo os mesmos instintos, apenas os homens tenham feito guerras?

Virginia recusa atribuir a causa da guerra ao instinto humano e, consequentemente, a conceber sua inevitabilidade, pelo menos até *Três Guinéus*. A

biógrafa Hermione Lee (1999) informa que Virginia só teria começado a ler Freud a sério em 1939 e teria se perturbado: “Se todos somos instinto, o inconsciente, o que é tudo isso sobre civilização, o homem inteiro, liberdade etc.?” (D5, p.250) Contudo, a editora dos Woolfs, Hogarth Press, foi responsável pela difusão das obras de Freud na Inglaterra desde 1924 (Woolf, L. 1975, p. 163)., Sseu irmão Adrian Stephen era psicanalista e as ideias freudianas estavam disseminadas em seu entorno há tempos. No terceiro capítulo de *Três Guinéus* há referência direta à concepção de “fixação infantil”, mas invertida, pois ela se manifestaria na relação do pai vitoriano com as filhas. Consideramos que se Virginia foi uma crítica involuntária[20] às ideias freudianas sobre os instintos isso se deu porque sua análise da organização social filia-se à tradição materialista que concebe que os indivíduos não estão dados, mas são constituídos em relação.

Para ela, a causa da guerra está nas formas das relações sociais e nas instituições que adotam e reforçam incessantemente as distinções, as hierarquias, a acumulação de riquezas por poucos, a busca por símbolos que designam honra, glória e heroísmo – como medalhas, troféus, títulos[21], monumentos erguidos em homenagens aos soldados etc. Ao mesmo tempo, há uma recusa do papel atribuído às mulheres nessa trama: fornecer filhos, cuidar dos feridos, chorar pelos mortos e se orgulhar do sacrifício deles no campo de batalha. No terceiro capítulo, quando a narradora decide doar o guinéu ao advogado, mas declina[22] o ingresso em sua sociedade pela paz, ela avalia que:

> As sociedades [...] inflam [...] um macho monstruoso, de voz forte e punhos cerrados, infantilmente decido a traçar com giz, no chão do mundo, demarcações, dentro de cujos limites místicos os seres

[20] Na hipótese de ela não ter lido a troca de correspondências entre Freud e Einstein, o que duvidamos.

[21] Virginia recusou inúmeras recompensas públicas nas formas de distinções e honrarias: realizar *Clark Lectures* em Trinity College, Cambridge (1932), prática de palestras de literatura inaugurada por seu pai, Leslie Stephen, em 1883; grau honorário pela Universidade de Manchester (1933) e Liverpool (1939); presidência do PEN Club (1934); Companheira de honra (1935); membro da *London Library* (1940), (Snaith, 2015, p. 277).

[22] Em 11 de março de 1936, Virginia escreveu à Julian Bell: “Quanto aos seus Apóstolos*, muito embora eu os respeite individualmente, começo a pensar que essas Sociedades fazem mais mal do que bem, apenas por incitar invejas e vaidades. [...] Parece-me a maneira errada de viver, desenhando marcas de giz nos pés e dizendo aos Clives etc. que você não pode entrar” (L6, p. 20).

> humanos são confinados, rigidamente, separadamente, artificialmente; dentro das quais, borrado de rubro e dourado, adornado, como um selvagem, com penas, ele passa por ritos místicos e desfruta dos duvidosos prazeres do poder e do domínio, enquanto nós, as mulheres "dele", ficamos trancadas na casa privada, sem participação nas muitas sociedades das quais a sociedade dele é composta (TG, 115).

Quando a narradora afirma que guerrear tem sido, desde sempre, um hábito dos homens, acreditamos que o marco histórico é a Grécia antiga e o seu legado no Ocidente, pois é à Grécia que ela recorre para formular o único modo direto ao alcance das mulheres para tentar evitar a guerra: recusando-se a ter filhos, conforme ensinou *Lisístrata*[23] (TG, 157, nota 10), ou por sugerir ler *Antígona* como um "material de propaganda contra o fascismo" (TG, 178, nota 39), pois:

> Considere a pretensão de Creonte ao poder absoluto sobre seus súditos. Essa é uma análise muito mais instrutiva da tirania do que qualquer outra que nossos políticos possam nos oferecer. [...] Considere a distinção entre as leis e a Lei, feita por Antígona. Essa é uma afirmação muito mais profunda sobre os deveres do indivíduo para com a sociedade do que qualquer outra que nossos sociólogos possam nos oferecer (TG, 92).

Foi a *Ilíada* que instaurou no Ocidente o "ideário heroico" (Lourenço, 2005, p. 10), que vinculou masculinidade-virilidade-heroísmo, que estabeleceu que a melhor maneira dos homens se tornarem Homens e alcançarem honra, glória e fama perenes é no campo de batalha, como explica Moses Finley (1986, p. 139, tradução nossa): "'Guerreiro', 'heróis': dois sinônimos; e uma civilização guerreira se organiza em torno de dois temas fundamentais: a coragem, a honra. A coragem é a virtude essencial dos heróis, a honra seu objetivo essencial." Os três volumes da *História da Virilidade* atestam que a construção do "macho viril" remonta à Grécia antiga e, embora o

[23] Aristófanes (446 a.C. – 386 a.C.). O cineasta afronorte-americano Spike Lee em seu filme *Chi-Raq* (2015) também evoca a greve de sexo e da reprodução das mulheres como forma de combater a guerra de gangues em Chicago.

modelo mude historicamente, ele não perde a referência ao vigor e à dominação (Vigarello, 2013, p. 13).

Amplíssimo é o campo de estudo sobre a influência e assimilação dos gregos pelos modernos, mas é sintomático que Rousseau – o filósofo adotado como guia pelos revolucionários franceses – tenha visto "em Esparta a realização quase atemporal do ideal do cidadão" (Vidal-Naquet, 2002, p. 189), de modo que independentemente das determinações históricas específicas que fundaram cada Estado-Nação europeu, o *ethos* do guerreiro e o hábito de fazer guerras moldaram o "dever [dos cidadãos] de utilizar suas armas para defesa da pátria" (Bertaud, 2013, p. 203). A constituição dos Impérios, ao longo do século XIX, estabeleceu uma relação intrínseca e necessária com a construção de uma poderosa frota armada, uma vez que vigorava "a ideia da colonização como 'fábrica' de homens verdadeiros e como espaço de regeneração viril e nacional – as duas coisas [foram] pensadas como estando intimamente ligadas" (Taraud, 2013, p. 415). A demora para encerrar a Primeira Guerra Mundial foi exemplar de como o pano de fundo do litígio bélico foi a busca por vitória e não pacificação, como informa o historiador Martin Gilbert:

> Os desejos de prolongar e concluir a guerra estavam em conflito em todas as nações, mas, para as potências aliadas, o imperativo moral de uma vitória ainda era afirmado publicamente e defendido amplamente. Num discurso em Edimburgo, em 10 de janeiro [1918], Balfour [Político conservador, Primeiro-ministro britânico 1902-1905 e ministro do exterior 1916-1919] declarou que os horrores da guerra eram "nada" se comparados a uma "paz germânica". Com quase 2 milhões de homens em armas, o governo britânico fazia planos para incorporar pelo menos mais de 420 mil (Gilbert, 2017, p. 528).

No final de *Três Guinéus,* a narradora invoca a imagem do *Führer* e do *Duce*, portando suas indumentárias militares e diz: "Trata-se da imagem de um homem; alguns afirmam, outros negam, que se trata do Homem em pessoa, a quintessência da virilidade" (TG, 152) e em nota, mais uma vez, contesta a atribuição de naturezas humanas distintas entre homens e mulheres:

> A natureza da masculinidade e a natureza da feminilidade têm sido frequentemente definidas por ambos os ditadores, o italiano e o alemão. Ambos insistem, repetidamente, que é da natureza do homem e, na verdade, da essência da masculinidade, lutar. Hitler, por exemplo, faz uma distinção entre "uma nação de pacifistas e uma nação de homens". Ambos insistem, repetidamente, que é da natureza da feminilidade curar as feridas do guerreiro. Entretanto, está em ação um movimento muito forte para emancipar o homem da antiga "lei eterna e natural" segundo a qual o homem é essencialmente um guerreiro; basta observar o crescimento do pacifismo entre o sexo masculino hoje em dia (TG, 192-193, nota 48).

Como para a narradora, *agredir e destruir* não são atributos inerentes ao sexo masculino, ela busca nas biografias, autobiografias e jornais diários, onde é possível encontrar "a história nua e crua" (TG, 13), algum conhecimento sobre as causas que levam os homens a lutarem e conclui:

> Aqui, imediatamente, estão três razões que levam o sexo que o senhor representa a guerrear; a guerra é uma profissão; uma fonte de felicidade e grandes emoções; e é também uma válvula de escape para as características viris, sem as quais os homens se deteriorariam (TG, 14).

Mas pondera: "esses sentimentos e opiniões não são, de modo algum, universalmente partilhados pelo sexo que o senhor representa" (TG, 14). E para reforçar a ideia, ela complementa com a citação de um poema de Wilfred Owen[24] que clamava por "Passividade a qualquer preço! Padeça desonra e desgraça, mas nunca recorra a arma" (TG, 14). Contudo, "a julgar pelos jornais de hoje [...] não importa quantos dissidentes haja, os de seu sexo são hoje, em sua grande maioria, a favor da guerra" (TG, 14). Tanto uma Conferência de Scarborough [do Partido Conservador], quanto a de Bournemouth [do Partido Trabalhista] chegaram à conclusão de que gastar 300 milhões de libras por ano em armas é uma necessidade (TG, 14).

[24] Conhecido como "poeta-soldado", alistou-se na Grande Guerra em 1915 e foi morto em combate em novembro de 1918. Uma seleção de seus poemas, inspirados pela experiência na guerra, foi publicada em 1920 (Snaith, 2015, p. 273). Ele foi influenciado por Siegfried Sassoon (1886-1967), famoso poeta que denunciava os horrores da guerra e cuja carta "*A Soldier's Declaration*" (1917) foi considerada uma traição à pátria (Pen e Mesquita, 2023, p. 253)

Para ela, o que explica essa adesão à guerra é o “patriotismo” (aspas da autora) e para analisar as emoções que ele provoca (o amor de seus cidadãos pela Inglaterra, pois “a liberdade [ali] construiu morada”), cita o artigo *England – Home of Liberty*, de Gordon Hewart, na época Lorde Chefe de Justiça, publicado no *Daily Telegraph*, em 19 de outubro de 1935:

> Os ingleses se orgulham da Inglaterra. Para aqueles que foram educados nas escolas e universidades inglesas e trabalharam a vida toda na Inglaterra, há poucos amores mais fortes que o amor que temos por nosso país. Quando consideramos outras nações, quando julgamos os méritos da condução dos negócios públicos deste ou daquele país, é o nosso próprio país que tomamos como referência... A liberdade construiu sua morada na Inglaterra. A Inglaterra é o lar das instituições democráticas... É verdade que há em nosso meio muitos inimigos da liberdade – alguns deles, talvez, em locais um tanto inesperados. Mas nos mantemos firmes. Tem-se dito que a casa de um inglês é seu castelo. A casa da Liberdade situa-se na Inglaterra. E é, de fato, um castelo – um castelo que será defendido até o fim... Sim, somos imensamente abençoados, nós, os ingleses (TG, 15).

A narradora pergunta o que o patriotismo e os deveres para com a pátria significam para as *filhas dos homens instruídos* que, ao longo da história, estiveram excluídas de todos os direitos concedidos aos homens pela “pátria da liberdade”. Ela interpela o lugar e a função que a pátria relegou às mulheres: o espaço privado e a função exclusiva de procriação. E esse lugar e função, concebidos como escravidão, não suscitam, nela, qualquer devoção à Inglaterra:

> [...] Quando ele disser, como a história demonstra que ele disse e pode dizer novamente: “Estou lutando para defender o nosso país” e tentar assim, provocar seu sentimento patriótico, ela se perguntará “O que ‘nosso país’ significa para mim, uma outsider?” Para dar uma solução a isso, ela analisará o significado de patriotismo no seu próprio caso. Ela se informará sobre a posição de seu sexo e de sua classe no passado. Ela se informará sobre a quantidade de terras, riqueza e propriedade em posse de seu próprio sexo e de sua própria classe no presente – o quanto da “Inglaterra” de fato lhe pertence. Ela se informará, nas mesmas fontes, sobre a proteção legal que a lei lhe deu no passado e que lhe dá agora. [...] Todos esses fatos convencerão sua razão [...] de que o sexo e a classe dela tiveram muito pouco a agradecer à Inglaterra no passado; pouco a agradecer

> à Inglaterra no presente; enquanto a segurança de sua pessoa no futuro é altamente duvidosa. [...] “‘Nosso’ país”, dirá ela, “tem me tratado, pela maior parte de sua história, como uma escrava; tem me negado a educação e qualquer quota de bens” (TG, 117-118).

E conclui que o hábito de guerrear é a realização do dever dos homens de lutar pela pátria e de expandir e proteger o Império. Conforme formulou Leonard, os Estados encontram na guerra: “o instrumento supremo do poder nacional, o meio pelo qual, em última análise, um Estado testa seu poder em relação a outros Estados ou, em outras palavras, se pode impor sua vontade sobre eles pela força” (Woolf, L. [1940] 2022 s.p.). Para Virginia, sob esse aspecto Imperial militarista, a Inglaterra em nada diferia dos “monstros no exterior” e por isso ela não acreditava que alguma guerra pudesse ser justificada como uma *Guerra pela paz*[25] – e as condições para evitar guerras no futuro passavam, necessariamente, por uma mutação do *ethos* patriarcal que poderia ser assumido até mesmo pelas *filhas dos homens instruídos* que, naquele momento histórico, tinham a possibilidade de educar-se e ingressar nas profissões.

Três Guinéus alerta que tanto a educação quanto o exercício das profissões pelas *filhas dos homens instruídos* devem ser baseados em outros modos. Na educação, cabe pensar uma formação que ensine “as jovens a odiar a guerra” e a “sentir a desumanidade, a brutalidade, a insuportabilidade da guerra”. Então, em tudo a formação superior para mulheres deve diferir das Universidades tradicionais, pois: “a história e a biografia [...] parecem provar que a antiga educação das faculdades não produz nenhum respeito especial pela liberdade nem aversão particular à guerra” (TG, 42). A nova faculdade:

> [não deve ensinar] a arte de dominar outras pessoas; não a arte de mandar, de matar, de acumular terra e capital. Essas artes exigem muitíssimas despesas extraordinárias; soldos e uniformes e cerimônias. [...] deve ensinar apenas as artes que possam ser ensinadas de maneira barata e praticadas por pessoas pobres; tais como a medicina, a matemática, a música, a pintura e a literatura. Deve ensinar as artes das relações humanas; a arte de compreender a

[25] Título de um livro de Leonard Woolf, publicado em 1940, no qual ele analisa a necessidade de lutar pela paz com o uso da força.

> vida e a mente de outros povos, e as pequenas artes da conversação, do vestir-se, da culinária que a elas estão associadas. O objetivo da nova faculdade, a faculdade barata, não deve ser segregar e especializar, mas combinar. Ela deve explorar as formas pelas quais a mente e o corpo podem ser postos a cooperar; a descobrir que combinações novas produzem totalidades novas na vida humana (TG, 42-43).

Esse outro tipo de educação deve abolir "as antigas e intoxicantes pompas e ostentações", desestimular a busca por honrarias e distinções hierárquicas sociais, pois tais práticas suscitam competitividade, vaidade e inveja, emoções que conduzem à guerra. Em cerimônia memorial dedicada à Julian, Virginia afirmou não compreender como um jovem vinculado às artes como ele (formado em Literatura e poeta) e ciente das aflições que provocaria em sua mãe, tenha sido compelido a entrar em guerra e supõe que isso se deu porque ele ainda era um desconhecido nas letras, comparado a outros de sua geração e teria buscado alcançar a honra que desejava combatendo contra o fascismo (Woolf, [1937] 2005). Quanto ao exercício das profissões, após analisar a luta das mulheres para nelas ingressar e a resistência e combatividade dos homens em compartilhar os espaços, ela avalia:

> [...] os fatos [...] parecem provar que as profissões têm um certo e inegável efeito sobre as pessoas que as praticam. Elas fazem com que as pessoas que as exercem se tornem possessivas, ciosas de qualquer infração aos seus direitos e altamente combativas se alguém ousar contestá-los. Não temos, pois, motivos para imaginar que, se ingressarmos nas profissões, iremos adquirir essas mesmas características? E não é verdade que essas características conduzem à guerra? (TG, 76)

As *filhas dos homens instruídos* não deveriam buscar ser as novas "campeãs do sistema capitalista" (TG, 78), mas, ao contrário, almejar ganhar o suficiente para viver bem, sem nenhum xelim a mais, comprometendo-se a auxiliar qualquer pessoa qualificada, de qualquer sexo, raça ou classe a exercer a profissão correspondente (TG, 77). A narradora também faz um alerta ainda mais grave sobre o investimento nas profissões que visa apenas a acumulação de bens e dinheiro. Tal engajamento exige

tanto tempo para ser mantido que as(os) profissionais perdem o contato com os filhos, com os amigos, deixam de fazer viagens – que é um dos meios mais eficazes de conhecer e apreciar outros povos e outras culturas – e não tem tempo para a arte (TG, 81). Se tornam autômatos sem sentidos e, por isso, perdem *humanidade,* resultando daí a insensibilidade tanto às fotografias que exprimem poder e dominação, quanto às fotografias de cadáveres e casas destruídas.:

> [os fatos provam] se as pessoas são extremamente bem-sucedidas em suas profissões [em termos monetários], elas perdem seus sentidos. A visão vai embora. Elas não têm tempo para ver pinturas. O som vai embora. Elas não têm tempo para ouvir música. A fala vai embora. Elas não têm tempo para conversar. Elas perdem seu senso de proporção – as relações entre uma coisa e outra. A humanidade vai embora. Ganhar dinheiro torna-se tão importante que elas devem trabalhar tanto de noite quanto de dia. A saúde vai embora. E se tornam tão competitivas que não partilham seu trabalho com outras pessoas, embora tenham mais do que o suficiente para si mesmas. O que resta, pois, de um ser humano que perdeu a visão, o som e o senso de proporção? É apenas um aleijado numa caverna (TG, 82).

Três Guinéus é considerado até hoje um manifesto feminista pacifista, o que de certa forma obscureceu a sua pertinência na época diante das ameaças nazifascistas. Seus contemporâneos, muitos antibélicos e objetores de consciência durante a Primeira Guerra Mundial (Lee, 1999 e Froula, 2005), estavam convictos de que a única forma de contenção do fascismo era a resposta militar armada. Pensamos que a questão do pacifismo de Virginia Woolf, bem como uma associação, por vezes, essencialista entre mulheres e pacifismo não é tão simples. Se *Três Guinéus* é um livro sobre a paz e não sobre a guerra, como defende Naomi Black (2004), entendemos que o seu pacifismo, ao argumentar que o modo de evitar as guerras é a partir de uma mutação interna sistêmica dos hábitos, aliada a uma visão internacionalista, visa mais o futuro do que aquele momento específico, como atestam inúmeras passagens nas quais a narradora afirma que se as coisas não mudarem daqui a 500 anos, um século, três séculos, ainda nos perguntaremos o que fazer para evitar a guerra.

Epílogo

> Um chamado na última noite para defesa nacional - contra paraquedistas. L[eonard] disse que se juntaria. E conversa ácida. Estamos com os nervos abalados — os meus pelo menos: L[eonard] evidentemente aliviado pela chance de fazer alguma coisa. Arma e uniforme, para mim, um pouco ridículos. [...] Esta ideia me atingiu: o exército é o corpo: eu sou o cérebro. Pensar é minha luta.
>
> Virginia Woolf, 15 de maio de 1940
> D5, pp. 284-285

> Uma tarde [em 1939] eu estava plantando íris reticulata no pomar embaixo de uma macieira, aquelas adoráveis flores violetas que, como os narcisos, 'vêm antes das andorinhas atrevidas e tomam os ares de março com beleza'. De repente, eu escuto a voz de Virginia me chamando da janela da sala de estar: 'Hitler está fazendo um discurso'. Eu gritei de volta: 'Não irei. Estou plantando íris e elas ainda florescerão muito depois que ele estiver morto.' No último março [1966], 21 anos depois de Hitler cometer suicídio no bunker, algumas daquelas flores violetas ainda florescem sob a macieira no pomar.
>
> Leonard Woolf, 1975, p. 254

Leonard Woolf, em sua autobiografia dos anos 1939-1969, recorda que antes do início da Segunda Guerra, circulou a fotografia de um judeu sendo arrastado por tropas nazistas pelas ruas de Berlim e "o que era ainda mais horrível era o olhar nos rostos de respeitáveis homens e mulheres, parados na calçada, rindo da vítima" (1973, p. 14, tradução nossa). Para ele e muitos de seus contemporâneos, o *Führer* era um bárbaro insano, mas eles também sabiam que o genocídio só pode ser levado a cabo pela cooperação de milhares de alemães "comuns e sãos". Médicos, comandantes e guardas, todos "pareciam estar infectados pela insanidade sádica de Hitler" (Woolf, L. 1973, p. 16, tradução nossa).

Virginia qualificou o período como *irrealidade:*. "Uma velha senhora prendendo sua touca tem mais realidade" (D5, p. 285). Ee ela combateu o fascismo com o que considerava "o único abrigo antiaéreo realmente eficiente": o pensamento (Woolf, V. [1940] 2021, p. 14). *Pensar é minha luta.* Entre a publicação de *Roger Fry* (1940) e o término da escrita de *Entre os atos* (fev. 1941) ela concebeu um projeto de escrita

grandioso sobre a história da literatura inglesa: “um livro sobre a História Comum – para ser lido desde o início da literatura, incluindo a biografia” (D5, p. 318) e, mais uma vez, voltou-se para a história da Inglaterra, pois o poema só pode ser entendido pela “sociedade que o ampara” (Woolf, *apud* Silver, [1979] 2024, p. 20). Quando da sua morte, 28 de março de 1941, ela tinha escrito um ensaio introdutório chamado *Anon* e iniciado um segundo chamado *O Leitor* (Silver, [1979] 2024, p. 13).

Ao som das vozes dos tiranos nos rádios e das bombas caindo, ela constantemente se perguntava: *e o leitor? Quem vai ler?* Para ela, é o leitor que dá sentido e existência à literatura: “Sua importância pode ser medida pelo fato de que, quando sua atenção, em tempos de crise pública, é desviada, o escritor exclama: não posso mais escrever” (Woolf, V. 2024, p. 58).

Tão certo quanto o florescimento das írises violetas plantadas por Leonard 21 anos após a morte do *Führer* é a existência de leitores. Ele relata que após o término da guerra recebeu em sua casa localizada na aldeia de Rodmell (onde o casal passou a guerra) três ou quatro oficiais do regimento de Kent e os colocou em uma sala repleta de livros de Virginia traduzidos para quase todos os idiomas europeus:

> À tarde, entrei na sala para ver se os soldados precisavam de alguma coisa. Encontrei apenas um subalterno sentado em uma cadeira lendo um livro. Para meu espanto, o livro era uma tradução tcheca de *Flush* [1933]. O tenente era tcheco e estava maravilhado de encontrar, em uma casa em Sussex, um livro na sua língua nativa (Woolf, L. 1973, p. 68).

Obras de Virginia Woolf

WOOLF, Virginia. 2015. *A room of one’s own and Three Guineas.* London: Oxford University Press.

_____. 2024. *Anon:* [era uma mulher]. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. [1933] 2016. *Flush.* Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. [1937] 2005. Memoir of Julin Bell. In.: Rosenbaum, S.P. Virginia Woolf and Vanessa Bell: Memoir of Julian. *Cahiers victoriens et édouardiens.* Montpellier, 62, pp. 1-21, Automne.

_____. [1942] 1961. Middlebrow. In.: Woolf, Virginia. *The Death of the Moth and Other Essays.* Great Britain: Penguin Modern Classics.

_____. 2024. O Leitor. In.: Woolf, Virginia. *Anon*: [era uma mulher]. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. 2014. O leitor comum. In.: Woolf, Virginia. *O valor do riso.* Tradução: Leonardo Froés. São Paulo Cosac Naify, pp. 133 e 134.

_____. [1922] 2019. *O quarto de Jacob.* Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. [1936] 2011. *Os Anos.* Tradução: Raul de Sá. Osasco: Novo Século Editora.

_____. [1920] 2019. O poder criativo das mulheres. In.: Woolf, Virginia. *As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra.* Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 39-45.

_____. [1940] 2021. *Pensamentos sobre a paz durante um ataque aéreo.* Tradução: Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Editora Nós.

_____. [1942] 2019. Profissões para mulheres. In.: Woolf, Virginia. *As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra.* Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 29-37.

_____. [1940] 2003. *Roger Fry*: A Biography. London: Vintage.

_____. 1974. *The Death of the Moth and others essays*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.

_____. 1978. *The Diary of Virginia Woolf,* Vol. 2.: 1920-1924. New York: A Harvest Book/HBJ: Harcourt Brace Jovanovich.

_____. 1983. *The Diary of Virginia Woolf,* Vol. 4: 1931-1935. New York: A Harvest Book/HBJ: Harcourt Brace Jovanovich.

_____. 1984. *The Diary of Virginia Woolf,* Vol. 5: 1936-1941. New York: A Harvest Book: Harcourt Brace & Company.

_____. 1980. *The Letters of Virginia Woolf*. Vol. 6 : 1936-1941. New York: A Harvest: HBJ Book.

_____. [1938] 2019. *Três Guinéus.* Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. [1929] 2020. *Um quarto só seu.* Tradução: Julia Romeu. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

_____. [1922] 2019. Uma Sociedade. In.: Woolf, Virginia. *As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra.* Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 9-27.

Outras obras consultadas

BELL, Quentin. 1988. *Virginia Woolf:* uma biografia*.* 1882-1941*.* Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

BERTAUD, Jean-Paul. 2013. A virilidade militar. In.: COBAIN, Alain. *et al.* (dir.) *A História da Virilidade.* 2. O triunfo da virilidade no século XIX. Tradução: João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 195-248.

BLACK, Naomi. 2004. *Virginia Woolf as feminist.* New York: Cornell University.

BRADSHAW, David. 1997. The Bray and Drone of Tortured Voices: British Writers and Anti-fascism in the 1930s. *Woolf Studies Annual,* vol. 3, pp. 3-27.

_____. 1998. Under the Hawk's Wing: British Writers and Anti-fascism in the 1930s. *Woolf Studies Annual,* New York, vol. 4, pp. 41-66.

CHAPOUTOT, Johann. 2014. *La loi du sang: penser et agir em nazi.* Paris: Gallimard.

COLE, Sarah. 2016. Woolf, War, Violence, History and... peace. In: BERMAN, Jessica. (ed.). *A companion to Virginia Woolf.* UK: Wiley Blackwell, pp. 333-346.

COURBIN, Alain. *et al.* (dir.) 2013. *A história da Virilidade.* 2: O triunfo da virilidade no século XIX. Tradução: João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Vozes.

CUMIN, David. 2008. Freud et la guerre. *Philosophiques,* Montreal, vol. 35, n° 2, pp. 393-417.

DAUGHERTY, Beth Rigel. 2006. "You see you kind of belong to us, and what you do matters enormously": Letters from Readers to Virginia Woolf. *Woolf Studies Annual,* vol. 12, pp. 1-212.

DELPHY, Christine. 2009. Patriarcado (teorias do). In.: HIRATA, Helena *et. al.* (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo.* São Paulo: Editora UNESP.

ELIAS, Norbert. [1989] 1997. *Os Alemães:* a luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FINLEY. Moses. 1986. *Le monde d'Ulysse.* Paris: Éditions La Découverte.

FREUD, Sigmund e EINSTEIN, Albert. s/a. *Porquê a guerra? Reflexões sobre o destino no mundo.* Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

FROULA, Christine. 2005. Virginia Woolf and Bloomsbury avant- garde: war, civilization and modernity. New York: Columbia University Press.

FUSINI, Nadia. 2010. *Sou dona da minha alma: o segredo de Virginia Woolf.* Tradução: Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

GÄTTENS, Marie-Luise. 2001. *Three Guineas*, Fascism, and the Construction of Gender. In.: PAWLOWSKI, Merry M. (ed.) *Virginia Woolf and fascism: resisting the Dictators's sedution.* Califórnia: Palgrave Macmillan.

GILBERT, Martin. 2017. *A primeira guerra mundial:* os 1.590 dias que transformaram o mundo. Tradução: Francisco Paiva Boléo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

HILBERG. Raul. 2016. *A destruição dos judeus europeus***.** Vários tradutores. Barueri: Amarilys.

HOMERO. 2002. *Ilíada.* Vol. 2. Tradução: Haroldo de Campos. São Paulo: Arx.

HUSSEY, Mark. 1995. *Virginia Woolf A to Z:* A Comprehensive Reference for Students, Teachers and Common Readers to Her Life, Work and Critical Reception. New York: Facts On File. Inc.

_____ (ed.). 1991. *Virginia Woolf and war:* Fiction, Reality, and Myth. New York: Syracuse University Press.

INGRAM, Angela e PATAI, Daphne. 1993. Introduction: "An Intelligent Discontent with... Conditions." In.: INGRAM, Angela e PATAI, Daphne (eds.). *Rediscovering Forgotten Radicals:* British Women Writers 1889–1939. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

INGRAO, Christian. 2015. *Crer & destruir:* os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista. Tradutor: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar.

JONES, Clara (ed.). 2024. *Virginia Woolf and capitalism.* Edinburgh: Edinburgh University Press.

JOHNSTON, Judith L. 1987. The Remediable Flaw: Revisioning Cultural History in Between the Acts. In.: Jane Marcus (ed.). *Virginia Woolf and Bloomsbury*. Bloomington: Indiana University Press pp. 253-77.

KOONZ, Claudia. 1987. Mothers in the Fatherland. Women, the Family and Nazi Politics. New York: St. Martin's Press.

LEE, Hermione. 1999. *Virginia Woolf.* New York: Vintage Books.

LINDER, Carl William-John. 2009. *Persuasiveness of the text: An analysis of Virginia Woolf's "Three Guineas".* 106 págs. Master of Arts Degree in English Department of English College of Liberal Arts. University of Nevada, Las Vegas.

LOURENÇO, Frederico. 2005. Introdução. In.: HOMERO. *Ilíada.* Tradução: Frederico Lourenço. Lisboa: Biblioteca editores Independentes.

MACCIOCCHI, Maria Antonietta. 1976. Les femmes et la traversée du fascisme. In.: MACCIOCCHI, Maria Antonietta. *Eléments pour une Analyse du fascisme*/1. Paris: Inédit.

_____. 1979. Female sexuality in fascista ideology. *Feminist Review*, Califórnia, N. 1, pp. 67-82.

MARCUS, Jane. 1987. *Virginia Woolf and the Languages of Patriarchy.* Indianapolis: Indiana University Press.

MARDER. Herbert. 2011. *Virginia Woolf – a medida da vida.* Tradução de Leonardo Froes. São Paulo: Cosac Naify.

NEVEROW, Vara e PAWLOWSKI, Merry. 1997. A preliminaty bibliographic guide to the footnotes of "Three Guineas". *Woolf Studies Annual*. Vol. 3, pp. 170-210.

OLIVEIRA, Maria Aparecida. 2017. *A representação Feminina na obra de Virginia Woolf:* um diálogo entre o projeto político e o estético. Jundiaí: Paco Editorial.

PAWLOWSKI, Merry M. (ed.) 2001. *Virginia Woolf and fascism:* resisting the Dictators's sedution. Califórnia: Palgrave Macmillan.

PAYNE, Stanley. G. 1995. *A History of Fascism*, 1914-1945. New York: Routledge.

PEN, Marcelo e MESQUITA, Ana Carolina. 2023. Notas. In.: WOOLF, Virginia. *O leitor comum.* Tradução: Marcelo Pen e Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Tordesilhas, pp. 249-277.

PHILLIPS, Kathy J. 1994. *Virginia Woolf against Empire.* Tennessee: University of Tennessee Press.

PINHO, Davi. 2020. A conversa como um "método" filosófico em Virginia Woolf. In.: PINHO, Davi; OLIVEIRA, Maria Aparecida e NOGUEIRA, Nícea (orgs.). *Conversas com Virginia Woolf.* Rio de Janeiro: Ape'Ku, pp. 11-34.

SILVER, Brenda. R. 2024. Introdução. In.: Woolf, Virginia. *Anon*: [era uma mulher]. Tradução Tomaz Tadeu. Belo horizonte: Autêntica Editora.

_____. 1991. The Authority of Anger: Three Guineas as Case Study. *Signs* 6, 2, pp. 340-70, Winter.

_____. 1983. *Three Guineas* Before and After: Further Answers to Correspondents. In.: MARCUS, Jane (ed.). *Virginia Woolf a feminist Slant*. Lincoln: University of Nebraska Press.

_____. 1983. *Virginia Woolf's Reading Notebooks.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

SNAITH, A. 2015. Explanatory Notes. In.: WOOLF, Virginia. *A room of one's own and Three Guineas.* London: Oxford University Press, pp. 254-289.

_____. 2015. Introduction. In.: WOOLF, Virginia. *A room of one's own and Three Guineas.* London: Oxford University Press, pp. xi-xxxvi.

_____. 2003. 'Stray Guineas': Virginia Woolf and the Fawcett Library. *Literature & History*. Califórnia, 12(2), pp. 16-35, September.

_____. 2000. *"Three Guineas"* letters. *Woolf Studies Annual*, New York, Vol. 6, pp. 17-168.

_____. 2000. Wide Circles: The "Three Guineas" Letters. *Woolf Studies Annual*, New York, Vol. 6, pp. 1-12.

STAVELEY, Alice. 1998. "Name That Face." *Virginia Woolf Miscellany*, New Haven, 51, pp. 4–5, Spring.

SOMBART, Nicolaus. 1999. *Les mâles vertus des Allemands.* Traduit: Jean-Luc Evard. Paris: Les Éditions du Cerf.

TAURAUD, Christelle. 2013. A virilidade em situação colonial: do final do século XVIII à Grande Guerra. In.: COBAIN, Alain. *et al.* (dir.) *A História da Virilidade.* 2. O triunfo da virilidade no século XIX. Tradução: João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 414-436.

TENENBAUM, Tamara. 2025. *Un millón de cuartos propios*: ensayo para un tiempo ajeno. Ciudad de México: Paidós.

THALMANN, Rita. [1982] 2023. *Être femmes sous le IIIe Reich*. Paris: Chryséis Éditions.

TYSON, Helen. 2024. Scrapbooking the Presente Day: The *Three Guineas* scrapbooks. In.: JONES, Clara. *Virginia Woolf and capitalism.* UK: Edinburgh University Press, pp. 269-294.

VIDAL-NAQUET, Pierre. 2002. *Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desafio.* Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VIGARELLO, Georges. 2013. Introdução. In.: COBAIN, Alain. *et al.* (dir.) *A História da Virilidade.* 1. A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 11-16.

WINKLER, Heinrich A. 2005. *Histoire de l'Allemagne: XIXe-XXe siècle*. Traduit: Odile Demange. Paris: Fayard.

WOOLF, Leonard. [1968] 1975. *Downhill All the Way:* an Autobiography of the Years 1919-1939. New York: Harcourt.

_____. [1969] 1973. *The journey not the arrival matters :* an autobiography of the years 1939-1969. London: The Hogarth Press.

_____. [1940] 2022. *The War for peace.* London: Routledge.

ZWERDLING, Alex. 1986. *Virginia Woolf and the Real World.* London: University of California Press.